

UM DIÁLOGO SOBRE O ENSINO E A APRENDIZAGEM EM AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA: A FORMAÇÃO EM FOCO

2012

Natália de Oliveira Viana

Psicóloga graduada pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2012). Foi monitora do Laboratório de Avaliação Psicológica da PUC Minas São Gabriel por dois anos. Auxiliar de pesquisa nas pesquisas intituladas 'Treinamento Cognitivo de Escolares de Diferentes Níveis Intelectuais' e 'Pesquisa de Egressos do curso de Psicologia da PUC Minas São Gabriel'. Participou do VIII Curso de Férias de Neuropsicologia e do VI Congresso Nacional da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos, entre outros.

E-mail:

natalia.oliveiraviana@yahoo.com.br

RESUMO

A avaliação psicológica está inserida na prática profissional do psicólogo em diversas áreas de atuação, e somente este profissional pode realizar este trabalho utilizando de técnicas e instrumentos psicológicos. No entanto, a avaliação psicológica vem sofrendo críticas nos últimos anos, tanto dos próprios psicólogos como de vários setores da sociedade. Diversos autores dedicados ao campo apontam que a formação encontra-se deficitária e os profissionais estão saindo das faculdades sem conhecimentos suficientes para atuar no mercado de trabalho. Tendo isso posto, a temática central deste trabalho refere-se a uma pesquisa realizada em Belo Horizonte/MG, com doze docentes da avaliação psicológica de nove faculdades desta capital. Buscou-se investigar o posicionamento dos docentes, quanto ao ensino da avaliação psicológica, aprendizagem dos conteúdos e a formação dos estudantes de Psicologia neste campo. A pesquisa evidenciou, entre outros aspectos, que na opinião da maior parte dos docentes a formação atualmente oferecida é uma formação básica e que necessita de um investimento posterior por parte desse profissional que se interesse pela avaliação psicológica.

Palavras-chave: Avaliação psicológica, formação em psicologia, ensino

INTRODUÇÃO

A ciência da Psicologia é formada por diversos campos de saber e atuação, entre esses está a avaliação psicológica, que é apontada historicamente como uma das fundadoras da ciência da Psicologia no Brasil. Alchieri e Cruz (2004) salientaram que o desenvolvimento da ciência psicológica brasileira possui forte relação com a sistematização dos conhecimentos sobre os processos psicológicos básicos e sua mensuração, através de medidas psicológicas para verificar o desenvolvimento de processos de aprendizagem humanos.

A avaliação psicológica é conceituada por Primi (2003) como responsável pela sistematização das teorias psicológicas em eventos mensuráveis, possibilitando a observação dos eventos psicológicos, e a integração entre teoria e prática na ciência da Psicologia. A avaliação psicológica é uma atividade complexa que busca o conhecimento a respeito do funcionamento psicológico das pessoas, em situações que envolvem questões e problemas específicos, objetivando orientar ações de intervenção e decisões futuras. Já os instrumentos de avaliação psicológica são procedimentos de coleta de informações que aliados a outras técnicas, como entrevistas, observações, entre outros, servem de base para o processo mais amplo e complexo que é a avaliação psicológica (Primi, 2010). Quando bem aplicados, os instrumentos oferecem informações úteis sobre os processos psicológicos que muitas vezes não são facilmente identificáveis ou observáveis (Noronha, 2009).

Prática que se insere em diversas áreas da Psicologia, a avaliação psicológica, com a utilização de instrumentos e técnicas de avaliação psicológica, é uma atividade de uso exclusivo do psicólogo, sendo a mais exercida no trabalho desse profissional em organizações privadas e públicas segundo pesquisa de Bastos e Gondim (2010). Segundo informações dos autores, dentre as atividades mais frequentes de psicólogos em organizações públicas, aparecem em primeiro e segundo lugar, respectivamente, que 32,9% dos psicólogos fazem uso de testes psicológicos e 29,6% realizam psicodiagnósticos. Já nas organizações privadas aparece em primeiro lugar com 29,5% a utilização de testes psicológicos e em quarto lugar, o psicodiagnóstico com 17%. A partir desses dados recentes pode-se perceber de forma simples a importância da avaliação psicológica para a Psicologia atualmente.

No entanto, assim como a Psicologia em geral, a avaliação psicológica tem sofrido críticas nos últimos anos e sendo alvo de preconceitos simplistas tanto dos próprios psicólogos como de vários setores da sociedade (Primi, 2010; Noronha, et al, 2010). Os problemas apontados são, desde o uso inadequado de instrumentos e produção deficiente de laudos psicológicos, até questionamentos quanto à fidedignidade dos instrumentos utilizados (Noronha et al, 2002; Noronha et al, 2010; Primi, 2010). Para estes problemas são apontadas várias causas. A mais

citada diz de uma formação incipiente durante a graduação em Psicologia, que não abarca de forma adequada os conteúdos relativos à avaliação psicológica, o que gera consequentemente, uma atuação inadequada.

Autores dedicados ao campo (Hutz, Bandeira, 2003; Alves, 2009; Noronha et al., 2010; Alchieri, Cruz, 2004; Primi, 2010) apontam que há uma má formação neste saber, e que uma formação adequada em avaliação psicológica poderia minimizar os problemas atualmente existentes, seja em competência técnica e/ou teórica. A solução para práticas sem qualidade seria o incremento da preparação do psicólogo, quanto a noções de estatística e construção de instrumentos de avaliação psicológica, conhecimentos sobre os instrumentos já existentes, a elaboração de laudos, entre outros (Alves, 2009; Noronha, 2003, et al, 2010; Primi, 2010).

Noronha (2009) defende o uso adequado dos testes psicológicos, como auxiliares no processo de avaliação, sendo estes instrumentos importantes, mas não indispensáveis. E afirma que quanto melhor a formação do estudante de Psicologia, maior a sua possibilidade de fazer um uso adequado dos instrumentos de avaliação como um todo. Segundo Primi (2010), “o avanço da área requer uma melhora substancial (em) formação específica e em medidas que de fato promovam a integração entre pesquisa e prática profissional” (p. 33). O autor aponta ainda que as críticas direcionadas à avaliação psicológica deveriam ser mais qualificadas, na tentativa de evitar preconceitos e falsos dilemas sobre o campo, o que afasta estudantes que por ventura possam se interessar pela avaliação psicológica.

Paula, Pereira e Nascimento (2007) realizaram uma pesquisa com 358 alunos do último período da graduação em Psicologia, em quatro faculdades de Belo Horizonte. O estudo constatou que 58,9% dos alunos, não se consideravam aptos para o exercício de atividades relacionadas à avaliação psicológica. Destes, 35,2% argumentam que não se sentem preparados por não terem recebido formação suficiente para atuar com a avaliação psicológica. Fato que corrobora o que é apontado pelos autores acerca da insuficiente formação em avaliação psicológica durante a graduação, e a necessidade de uma formação continuada. Interessante notar que apenas 15,5% consideram que os conhecimentos adquiridos durante a graduação foram suficientes. Dentre os que não se consideravam preparados 12,3% não se interessavam pelo campo, ademais 69,6% dos participantes da pesquisa consideravam a avaliação psicológica importante para a prática do profissional, pois esta atividade confere tratamento e intervenção, suporte e confiabilidade ao trabalho do psicólogo, e é utilizada em diferentes áreas de atuação profissional da Psicologia.

Recentemente o MEC promulgou uma nova Diretriz Curricular (Brasil, 2011), estas diretrizes são bastante amplas e giram em torno de um núcleo comum de formação, definido por um conjunto de competências, habilidades e conhecimentos. Este núcleo comum, deliberado no Artigo 7º (Brasil, 2011), estabelece que a formação em Psicologia deve estar centrada em “uma base homogênea para a formação no país e uma capacitação básica para lidar com os conteúdos

da Psicologia, enquanto campo de conhecimento e de atuação” (p. 20), caracterizando, então, uma formação generalista. Para Noronha e colaboradores (2010), as instituições de ensino superior devem permitir aos alunos, em seu processo de formação, o desenvolvimento de habilidades e competências tanto para a atuação profissional generalista quanto, especificamente, para a atuação e realização de avaliação psicológica, considerando que esta é uma prática específica da atuação do profissional psicólogo.

Em um artigo voltado para a discussão das especializações em Psicologia, Sterling (2002, apud Alves, 2009), comenta acerca da formação generalista. Este autor argumenta que é muito sério que profissionais recém-formados interfiram na vida de outros seres humanos sem uma devida residência ou especialização acompanhada por profissionais qualificados. Noronha et al. (2010) enfatiza a necessidade dos alunos recém-formados continuarem os estudos para atuar com a avaliação psicológica. Hutz e Bandeira (2003) compartilham deste posicionamento, apontando que a formação do psicólogo não se encerra na graduação, mesmo que o diploma e o registro no conselho lhe dê o direito ao exercício da profissão. É preciso, em qualquer área da Psicologia, continuar os estudos. Estes autores ainda debatem que com a habilitação de único profissional autorizado a realizar avaliação psicológica com o uso de testes, seria esperado que a formação fosse priorizada.

Para Alves (2009), é necessário se pensar em alternativas para garantir uma boa formação em avaliação psicológica, dada sua importância, e aponta algumas, como a exigência de um título de especialista para que o profissional seja capacitado a exercer as funções relativas à avaliação psicológica. Esta formação, segundo a autora, seria não apenas teórica, mas voltada para prática em diversos contextos, “de modo a garantir uma atuação competente e confiável no uso dos testes e na realização de avaliações” (p. 235). Outra forma de melhorar a formação, apontada pela autora, seria a realização de um exame da profissão, que o profissional seria submetido após a conclusão do curso para conseguir seu registro profissional no Conselho. Uma última forma apontada se daria pelo aumento da duração do curso de graduação, abrindo possibilidade para a aquisição de um maior número de conhecimentos.

Sobre a primeira alternativa apontada por Alves (2009), é preciso considerar que o Conselho Federal de Psicologia – CFP – não considera a especialização em avaliação psicológica como válida (CFP, 2007). Segundo Primi (2010), o argumento do CFP para não deferir a especialidade, se sustenta no fato de que a avaliação psicológica não se restringe a uma área específica da Psicologia e sim compõe os diversos campos de atuação do psicólogo. No entanto, a criação desta especialidade não tem o intuito de proibir outros profissionais de exercerem estas atividades, mas de “reconhecer o mérito dos profissionais que eventualmente venham aprofundar seus estudos nas diversas áreas desse campo” (Primi, 2010, p. 34). Este fato, segundo o autor, poderia estimular a criação de cursos específicos e outras medidas que melhorariam a formação na avaliação psicológica.

Primi (2010) defende a criação de uma especialidade em avaliação psicológica, apontando que este é um campo específico da profissão do psicólogo, que necessita de conhecimentos mais complexos, como o raciocínio matemático e conhecimentos de estatística. Esta posição também é compartilhada por Noronha e Reppold (2010), que defendem que a avaliação psicológica deve ser considerada como uma área que requer formação específica e atualizada, sendo assim necessário que os órgãos da classe discutam a questão da especialidade em avaliação psicológica de forma mais aprofundada. Apontam ainda que esta também é uma deliberação defendida pelas associações ligadas à avaliação psicológica.

Vê-se que a formação em avaliação psicológica tem sido muito debatida durante os últimos anos, assim a fim de produzir mais dados, realizou-se a presente pesquisa que objetivou compreender a percepção de docentes da avaliação psicológica acerca dessa temática.

METODOLOGIA

Para se atingir os objetivos propostos realizou-se um estudo qualitativo cujos participantes foram doze docentes de diferentes faculdades de Psicologia de Belo Horizonte, que lecionam disciplinas voltadas para o campo da avaliação psicológica. Abrangendo docentes de grande parte das faculdades de Psicologia da cidade, sendo contempladas nove faculdades no total, oito particulares e uma federal. Os participantes foram abordados inicialmente por contato presencial em uma reunião de evento científico no qual havia professores de diferentes faculdades, outros por contato telefônico e/ou e-mail. Objetivou-se verificar a percepção de cada professor sobre a formação em avaliação psicológica de uma forma geral e na faculdade na qual o mesmo leciona. Utilizou-se como instrumento de coleta a entrevista do subtipo focalizada que é apontada por Marconi e Lakatos (2010) como uma forma de explorar amplamente as questões a serem pesquisadas através de perguntas abertas, que são respondidas dentro de uma conversação informal na qual o pesquisador “tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada” (p.180).

Os dados foram registrados através de gravações de áudio, autorizadas previamente pelos entrevistados, depois transcritos e posteriormente submetidas à Análise de Conteúdo (Bardin, 2000). A teoria da Análise de Conteúdo é um conjugado de instrumentos metodológicos que se dedica ao estudo de discursos diversos, utilizando como meios de interpretação tanto a objetividade quanto a subjetividade. Segundo Bardin (2000), esta análise “absorve e cauciona o investigador por esta atração pelo escondido, o latente, o não-aparente, o potencial de inédito (do não dito), retido por qualquer mensagem” (p.7). Assim, realizou-se a análise das falas proferida pelos docentes a partir de temáticas condizentes aos objetivos da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para preservar a identidade dos participantes estes não são identificados, assim como as faculdades em que lecionam. Os participantes têm características heterogêneas em termos da formação, tempo de docência e faculdades em que lecionam. Dos 12 docentes participantes da pesquisa, todos têm o título de mestre em alguma área da Psicologia. Cinco fizeram mestrado com a temática de Desenvolvimento Humano, dois em Psicologia Clínica, e outros três fizeram em uma destas outras áreas: Psicologia Social, Docência do Ensino Superior e Educação. Encontrou-se também um docente que realizou seu mestrado em Engenharia de Produção, porém relacionado à Psicologia. E apenas um dos docentes tem mestrado especificamente em avaliação psicológica. Quanto ao título de doutor, quatro dos docentes entrevistados estão fazendo ou já concluíram o curso, apenas um não o realizou em avaliação psicológica.

A partir destes resultados podemos observar que, como aponta Pasquali (2010), a pós-graduação em avaliação psicológica é muito recente no Brasil. O primeiro curso de pós-graduação mestrado/doutorado em avaliação psicológica criado no Brasil data de 2002, na Universidade São Francisco em Itatiba/SP. Já em relação à especialização, pelo fato de não haver o reconhecimento pelo CFP, são poucos os cursos no país. Em Minas Gerais, o primeiro curso de especialização (Lato Sensu) surgiu em 2008, oferecido pela PUC Minas, unidade São Gabriel. Na amostra não há nenhum docente que tenha feito especialização, do tipo Lato Sensu, em avaliação psicológica.

Observa-se que a prática de dar continuidade à formação vem se presentificando cada vez mais na vida profissional do docente, realidade que mudou muito durante as últimas décadas. Como apontaram Alchieri, Bandeira (2005) no período em que se desenvolveu o ensino da avaliação psicológica a titulação de muitos dos docentes em Psicologia não passava a especialização, isso em qualquer área. A busca por melhor qualificação pelos docentes pode ter relação com o cenário da exigência do mercado de trabalho, assim como o crescimento de cursos de pós-graduação pelo país. Como aponta Noronha (2003), a excelência da própria formação do docente promove aulas mais consistentes e uma formação mais sólida para os graduandos.

O tempo de docência dos participantes foi dividido em três categorias para a melhor compreensão dos dados coletados. É relevante ressaltar que nem todos os participantes iniciaram a docência lecionando disciplinas de avaliação psicológica, assim os anos descritos compreendem aos anos que este profissional trabalha lecionando no ensino superior. Constatou-se que um maior número de docentes, seis deles, leciona a menos de 10 anos. Dois dos docentes lecionam de 10 a 20 anos e quatro tem mais de 20 anos de docência no ensino superior, não ultrapassando os 23 anos. Sendo que dos seis docentes que lecionam a menos de 10 anos, cinco deles tem formação relacionada à avaliação psicológica. Fato que evidencia que uma formação

específica na área tem crescido e que as faculdades têm absorvido estes profissionais, sendo possível inferir que estes estão mais preparados para lecionar no campo.

Observamos também na amostra que alguns dos participantes lecionam em mais de uma faculdade da capital mineira. Três docentes lecionam em duas e um em três faculdades distintas em Belo Horizonte. Ao falar de suas experiências enquanto docentes, os participantes descreveram como essa ocorre em cada uma das faculdades em que trabalham. A seguir são apresentados os dados da análise das falas dos docentes quanto às temáticas abordadas durante a entrevista focalizada.

A importância da avaliação psicológica

Os docentes expressaram suas opiniões quanto à importância que atribuem à avaliação psicológica atualmente. Em maior número, dizem que a avaliação psicológica é importante porque é uma prática que pode ser inserida em todos os contextos, em todas as áreas da Psicologia. Apontam ainda, que ela está sempre presente no trabalho do psicólogo, e de alguma maneira cabe a qualquer circunstância. Segundo alguns dos docentes em todas as áreas da Psicologia o psicólogo faz uso da avaliação psicológica. Como podemos constatar na fala de um deles:

“Acho que é extremamente importante por dois motivos, primeiro é que a avaliação psicológica é aplicada a todas as áreas da Psicologia. Outra questão que também é fundamental, é que a avaliação é um uso profissional que só o psicólogo pode fazer” (Participante 2, 2012) ¹.

O segundo ponto mais levantado pelos docentes acerca da importância da avaliação psicológica foi o fato desta prática ser de uso exclusivo do psicólogo, e por isso, todo psicólogo deveria conhecer, ou mesmo saber realizar uma boa avaliação psicológica.

Adequação dos currículos para uma boa formação em avaliação psicológica

Os docentes foram questionados acerca da adequação dos currículos das faculdades em que trabalham para uma boa formação, ou seja, se eles acreditam que o currículo da faculdade promove uma boa formação em avaliação psicológica.

¹ Entrevista realizada em 28 de março de 2012.

Seis docentes participantes apontaram que os currículos estão adequados, no entanto essa fala é acompanhada de um “mas”, que diz de fatores que eles acreditam que se acrescentados ao currículo atualmente existente poderia melhorar a formação. São eles: o acréscimo de disciplinas de técnicas projetivas, maior número de professores dedicados à avaliação psicológica, aumento na carga horária das disciplinas, na carga horária de aulas práticas e estágios. Como pode ser observado na fala do participante 11:

“No que diz respeito a disciplina, sim. Mas eu vejo necessidade de mais estágios na área. Tem um outro agravante que é o fato dessas disciplinas em geral estarem no meio do curso, então o aluno que está próximo a formação, se ele não teve um estágio, ele corre vários riscos de ter esquecido, de estar desatualizado e de cometer erros, como qualquer um de nós, se você não está atuando na área”(Participante 11, 2012) 2.

Para dois grupos de igual número de docentes os posicionamentos são outros, e de pontos de vistas diferentes. Três docentes disseram que os currículos das faculdades onde trabalham estão adequados, é completo e tem número suficiente de disciplinas. Por outro lado, igualmente, três docentes disseram que a formação oferecida é um ensino mínimo, básico, e que não consegue abarcar em profundidade os conteúdos da avaliação psicológica, e que necessita de um esforço externo para completar a formação.

O ensino da avaliação psicológica: a teoria, a prática e a realização de estágios

A fim de investigar mais a fundo a percepção dos docentes acerca do ensino da avaliação psicológica, eles foram questionados sobre como esse processo se dá em suas faculdades, como é o ensino levando-se em conta a teoria, a prática e a realização de estágios curriculares em avaliação psicológica.

A maior parte dos docentes aponta que na faculdade onde lecionam as disciplinas teóricas estão sempre acompanhadas de uma prática, e há a oferta de ao menos um estágio em avaliação psicológica.

“As disciplinas elas tem uma carga horária teoricamente apenas teórica, então assim, em tese a disciplina é completamente teórica. O que a gente tenta fazer é um trabalho adicional de treinamento de instrumento, tem uma tentativa pelo menos de trazer estudos de casos, com protocolos de testes preenchidos. Os supervisores dos estágios mobilizem

² Entrevista realizada em 18 de maio de 2012.

os alunos muito mais para as questões éticas do que para as questões técnicas da avaliação psicológica. Além disso, algumas disciplinas contam com horas de treinamento, que os alunos cumprem no laboratório” (Participante 7, 2012) 3.

No entanto, alguns poucos docentes apontam que as faculdades onde trabalham oferecem estágios como não obrigatórios, há problemas na prática das disciplinas, ou mesmo na teoria. E afirmam também, que a falta de interesses dos alunos prejudica o desenvolvimento das disciplinas.

“Primeiro não é uma área de interesse dos alunos, então a teoria acho que ficaria prejudicada. Agora em relação à prática, eu acho que é onde está exatamente o problema, porque a gente tem falta de material, os materiais são caros. Às vezes a própria universidade não valoriza a avaliação psicológica. Tem estágios em psicodiagnóstico, no sétimo período, mas hoje este estágio ele não é mais obrigatório” (PARTICIPANTE 1, 2012) 4.

As dificuldades e facilidades no ensino da avaliação psicológica

Os docentes expressaram suas opiniões quanto às dificuldades e facilidades que encontram no ensino da avaliação psicológica. As dificuldades são os fatores que prejudicam o ensino e a formação de alguma forma, e as facilidades, aqueles que tornam a prática do ensinar mais adequada, tranquila. Um dado interessante, é que apareceu nas falas dos docentes um maior número de conteúdos relativos às dificuldades do que as facilidades no ensino.

Uma das dificuldades mais vivenciadas pelos docentes relaciona-se ao preconceito que ainda existe sobre a avaliação psicológica. Preconceito que, segundo os docentes, parte tanto de alunos como de docentes de outras áreas. Esses perpetuam ideias antigas e ultrapassadas sobre a avaliação psicológica e acabam por influenciar a opinião dos graduandos a respeito da avaliação psicológica.

É apontado também como um dificultador a falta de materiais nas universidades. Segundo os docentes, em muitas situações não há materiais suficientes para todos os alunos, principalmente relacionado a testes psicológicos. Eles queixam-se que estes materiais são muito caros e as universidades não investem tanto em avaliação psicológica. Dizem ainda do desinteresse por parte de alguns alunos, turmas muito cheias, e a dificuldade de aliar teoria com prática, dada a baixa carga horária das disciplinas.

³ Entrevista realizada em 24 de abril de 2012.

⁴ Entrevista realizada em 13 de março de 2012.

Quanto às facilidades, um maior número de docentes aponta que gostam do trabalho que fazem, ensinar avaliação psicológica, e que esse fator facilita o ensino. Dizem ainda que o interesse dos alunos que realmente se dedicam à avaliação psicológica e que investem no campo seria uma facilidade, pois ensinar para quem está focado a aprender é mais interessante, mais fácil de trabalhar. Outros fatores são apontados pelos docentes, porém de forma isolada, como a facilidade de ter uma estrutura adequada na faculdade em que leciona, possuir experiência profissional em avaliação psicológica, a formação específica em avaliação psicológica, entre outros. A fala do participante 5, a seguir, sintetiza de forma geral as questões mais abordadas pelos participantes da pesquisa como dificultador e facilitador do ensino:

“Uma dificuldade é o preconceito dos alunos. E o preconceito dos colegas talvez prejudique o ensino. Os professores falam mal da avaliação psicológica dentro da sala de aula para os nossos alunos. Então é um trabalho redobrado porque além de ter que ensinar a gente tem que reverter esse quadro aí. Facilidade, eu acho que a facilidade que a gente tem é de gostar do que faz, e aí as coisas se tornam mais fáceis. E a estrutura que a gente tem, aqui na Faculdade, tem o laboratório, tem as monitoras, então a gente tem uma estrutura muito boa, diferente de outras universidades” (Participante, 5)⁵.

Interesse e a aprendizagem dos graduandos sobre os conteúdos da avaliação psicológica

Acreditou-se ser relevante conhecer a percepção dos docentes acerca do interesse dos graduandos sobre a avaliação psicológica, além de como eles percebem a aprendizagem dos conteúdos relativos a este campo pelos graduandos.

Segundo um maior número dos docentes entrevistados, o interesse dos graduandos é pequeno, são poucos os que se dedicam e interessam pelo campo da avaliação psicológica. Apontam que há preconceito e que muitos dos alunos fazem as disciplinas por fazer, por serem obrigatórias. Outro grupo de docentes diz que o interesse é variado, tem alguns que gostam e outros que não gostam, e assim não se dedicam. Dois dos participantes dizem que de maneira geral há certo interesse. Outros apresentam argumentos diversos, tem turma que se interessa mais que outras, ou que há no início do curso uma resistência, mas que no final os alunos valorizam mais, pois já estão fazendo estágios, conhecem a prática e percebem que irão precisar dos conhecimentos da avaliação psicológica para atuar em uma diversidade de campos.

Quanto à aprendizagem dos conteúdos, alguns docentes dizem que há um aprendizado, principalmente para aqueles que aproveitam as disciplinas, mesmo que não gostem da avaliação

⁵ Entrevista realizada em 02 de maio de 2012.

psicológica, se preocupam com a sua formação, outros dão conta de aprender as informações principais. Alguns docentes apontam que a Psicometria é um desafio, os conceitos são densos e há um prejuízo no aprendizado. Outro grupo de docentes, mais pessimistas, dizem de forma isolada que é difícil o aprendizado se não há interesse, que muitas vezes os alunos se dedicam às disciplinas para passar.

“É um interesse pequeno, são poucos que a gente encontra interessados por essa área. E a gente vê isso nos trabalhos de conclusão de curso, são raríssimos os que falam sobre a avaliação psicológica. O aprendizado dos conteúdos é muito difícil, quando o interesse do aluno vem à tona é muito atrás de pontos. Ele não tem noção que aquilo que ele está aprendendo é importante. Talvez isso ocorra pela própria imaturidade da avaliação psicológica entrar na vida do aluno” (Participante 1, 2012)⁶.

Conteúdos que deveriam compor o currículo para uma formação adequada em avaliação psicológica

Por entender que os docentes lidam diretamente com a formação, presume-se que eles saibam quais conteúdos deveriam compor um currículo para uma boa formação em avaliação psicológica. Os docentes expressaram opiniões diversas acerca do tema, e três deles apontaram que os currículos das faculdades em que lecionam são ideais, mas sempre acrescentam algo a mais. Outro disse que o currículo da faculdade para qual leciona contempla o básico e que isso é o necessário.

As respostas dos docentes quanto aos conteúdos que deveriam compor uma boa formação em avaliação psicológica foram agrupados na Tabela 1, para melhor visualização. Nessa são apresentadas as frequências dos conteúdos presentes na fala dos professores. Vê-se que a abrangência das respostas é muito grande, diversos conteúdos são citados pelos participantes. Sendo que muitos apresentam uma frequência baixa. É preciso lembrar que cada participante falou livremente de quais conteúdos acreditava ser importante para uma boa formação em avaliação psicológica.

⁶ Entrevista realizada em 13 de março de 2012.

Tabela 1 – Frequência dos conteúdos de avaliação psicológica que deveriam compor um currículo

Conteúdos de Avaliação Psicológica	Frequência
Psicometria	10
Bateria de Testes Psicológicos e Técnicas de Avaliação Psicológica	7
Entrevista (anamnese, devolutiva, desligamento)	6
Vários contextos de aplicação da avaliação psicológica	5
Inteligência/ Memória/Atenção	5
Desenvolvimento de testes psicológicos e pesquisas	5
Personalidade	3
Aulas práticas	3
Histórico da avaliação psicológica	3
Estatística	3
Avaliação psicológica compreendida como um processo	3
Abordagens teóricas mais comuns aos testes psicológicos	3
Psicodiagnóstico	2
Integração de Resultados	2
Observação Clínica	2
Laudo/Síntese	2
Atualidades em avaliação psicológica	2
Diferenciação entre testes: psicométricos, projetivos e expressivos gráficos	2
Teoria de Resposta ao Item/Teoria da Medida Bateria de testes e técnicas de avaliação psicológica Processos de seleção e demissão Sistema de Avaliação dos Testes Psicológicos - SATEPSI Orientação Profissional Resoluções e normas do CFP Operacionalização de testes psicológicos Definição da avaliação psicológica e testes psicológicos Avaliação de um manual de teste psicológico Processos de percepção e alteração de percepção Preceitos éticos e técnicos da avaliação psicológica Psicopatologia Desenvolvimento Humano	1

Fonte: Dados da Pesquisa

Estes resultados vão de encontro com o documento produzido por Noronha et al. (2002) que sugeriu temas e conteúdos que deveriam ser abordados nos cursos de Psicologia, para uma formação adequada em avaliação psicológica. Muitos dos conteúdos apontados pelos docentes estão contidos nos sugeridos por Noronha e seus colaboradores (2002), como a Psicometria,

avaliação da inteligência, personalidade, o ensino de técnicas, a elaboração de documentos, entre outros, demonstrando uma coerência nos conteúdos que docentes e pesquisadores da área concebem como importantes no ensino da avaliação psicológica na graduação em Psicologia.

Sugestões de mudanças na formação em avaliação psicológica das faculdades em que os docentes trabalham

Os participantes da pesquisa foram questionados se fariam alguma sugestão de mudanças nas faculdades em que trabalham afim de, caso necessário, melhorar a formação em avaliação psicológica. Dos doze docentes entrevistados, nove fizeram alguma sugestão de mudanças, sempre propondo a inclusão de algum conteúdo.

As mudanças sugeridas pelos docentes são específicas para cada uma das faculdades, sendo perceptível semelhanças nas sugestões entre os docentes que lecionam na mesma faculdade. As sugestões abordadas pelos docentes são as seguintes: atualizar o acervo de testes psicológicos, mais disciplinas de técnicas projetivas, que as disciplinas em vez de optativas se tornassem obrigatórias, trabalhar os instrumentos de avaliação psicológica em outras disciplinas relacionadas, entre outros.

Apenas três dos docentes não sugeriram mudanças, dizem que os currículos estão adequados para uma formação básica, para uma formação generalista, como tem sido deliberado aos cursos de Psicologia atualmente, segundo as novas diretrizes curriculares. Como pode-se perceber na fala do participante 3:

“O que seria um currículo ideal na minha opinião, um currículo generalista que desse ao aluno o que ele precisa saber neste momento, ou seja, ter a maior amplitude possível em relação a áreas e as atuações do psicólogo” (Participante 3, 2012)⁷.

Preparação dos graduandos para atuar no mercado de trabalho com a avaliação psicológica

Ao serem questionados se os graduandos de Psicologia estão preparados para atuar no mercado de trabalho com avaliação psicológica, um número maior de docentes acredita que se o aluno se interessa pela avaliação psicológica, buscou formação complementar, como cursos e

⁷ Entrevista realizada em 02 de abril de 2012.

eventos, teve oportunidades de se aprofundar, ele sai da faculdade pronto para o mercado de trabalho. Já aquele aluno que viu apenas as disciplinas, que faz outras escolhas, ele não consegue sozinho. Irá precisar de supervisão clínica, supervisão em algum instrumento, formação complementar. Dois dos docentes, dizem que a responsabilidade para esse fato também deve ser atribuída ao aluno, que não se interessa e assim sua formação é parcial. Um deles é enfático ao dizer que a culpa é do aluno que não investiu, e não da faculdade que é ruim.

Cinco dos docentes manifestaram, que de forma geral, os graduandos não saem das faculdades preparados para atuar com avaliação psicológica, e apresentam diversos motivos para isso. Acreditam que a graduação é uma formação básica, e esse recém-formado precisa de formação adicional, de supervisão. Ponderam que na graduação os conteúdos são passados de forma superficial, e há deficiência na prática, assim eles não saem totalmente formados.

Vê-se que na opinião geral dos docentes é necessário o envolvimento do aluno em sua formação, que ele precisa se empenhar naquilo que faz e se dedicar ao campo, buscando formação complementar, cursos extracurriculares, eventos e práticas externas. O docente participante, que tem sua fala exposta a seguir, compartilha desse posicionamento, que é necessário um investimento externo a universidade por parte do aluno.

“Se ele buscou esse preparo individual, teve interesse nessa preparação em relação a avaliação psicológica, se ele buscou outros cursos, sim. Se ele fez apenas aquilo que a universidade fez, se ele faz apenas as aulas, ele não está preparado de jeito nenhum. Ele tem que buscar um processo de atuação, que tenha que ir lá e usar as ferramentas que ele aprendeu. Sozinho, sem supervisão, não, amenos que ele tenha sido monitor na área, se ele trabalhou muito” (Participante 8, 2012)⁸.

É perceptível pela fala dos docentes que a graduação não prepara o aluno. São necessários muitos outros fatores, principalmente o envolvimento dele com a sua formação. Pode-se inferir desta forma, que como abordado por Sterling (2002, apud Alves, 2009), acerca da importância da formação continuada, os professores tem a consciência da seriedade de profissionais recém-formados interferirem na vida de outros seres humanos sem realizarem uma residência ou especialização com a supervisão de profissionais qualificados e empenhados em formar outros bons profissionais.

⁸ Entrevista realizada em 18 de maio de 2012.

Pré-requisitos para uma atuação adequada no mercado de trabalho: o quê o profissional deve buscar

Os docentes foram perguntados sobre o quê um profissional deve buscar para atuar de forma adequada no mercado de trabalho. As respostas dos participantes são apresentadas por meio da Tabela 2, que mostra a frequência dos pré-requisitos mencionados pelos participantes.

Tabela 2 – Frequência de pré-requisitos para atuar de forma adequada no mercado de trabalho

Pré-requisitos	Frequência
Formação complementar/Aperfeiçoamentos/Estudo	11
Preceitos éticos da profissão	9
Atualização	8
Participar de eventos, congressos, cursos	7
Domínio dos instrumentos e das técnicas	4
Estar atento ao SATEPSI	2
Supervisão	2
Discussão com colegas (Supervisão horizontal)	2
Resoluções do CFP	1
Gestão profissional	1

Fonte: Dados da Pesquisa

A temática mais citada pelos participantes da pesquisa, como pré-requisito para uma atuação adequada em avaliação psicológica, é a formação continuada, ou seja, a necessidade de realizar uma formação complementar, o aperfeiçoamento profissional e a constante necessidade de estudos. Vê-se que esta temática também foi muito citada na questão anterior, em que se investigou a preparação dos graduandos para atuar no mercado de trabalho, em que os docentes a colocaram como necessidade para uma atuação em avaliação psicológica. Da mesma forma, foi ressaltado o quarto pré-requisito citado nesta análise: a participação em eventos, congressos e cursos para além da faculdade.

Os docentes apontaram, também, que é necessária uma postura ética para atuar em Psicologia, e especialmente com a avaliação psicológica. Segundo os participantes, seguir os preceitos éticos da profissão fará com que o psicólogo execute seu trabalho de forma adequada. Evidenciam ainda a necessidade de constantes atualizações, pois na avaliação psicológica está sempre surgindo novas pesquisas e estudos, o que faz com que o profissional, em pouco tempo, fique defasado.

Outros pré-requisitos também são citados, porém em menor frequência, mas destaca-se que são igualmente importantes, pois dizem diretamente do trabalho do psicólogo que atua com avaliação psicológica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação em avaliação psicológica vem sendo muito discutida nos últimos anos, e grandes avanços foram alcançados neste campo durante este período, porém a formação ainda é uma questão importante a ser discutida. A fim de acrescentar dados aos trabalhos já existentes, realizou-se a presente pesquisa, que buscou compreender qual a concepção de docentes de disciplinas de avaliação psicológica sobre o ensino, aprendizagem e a formação neste campo tão importante na atuação do psicólogo. Os objetivos propostos na pesquisa foram alcançados, entretanto, o volume de dados coletados é abrangente e outras análises são possíveis e necessárias a se fazer, a fim de se compreender de forma ainda mais aprofundada os fenômenos que circundam o ensino da avaliação psicológica.

A pesquisa evidenciou, entre outros aspectos, que a formação dos docentes melhorou, se comparada a pesquisas realizadas com os mesmos na década anterior. É certo que deve-se considerar que o número de participantes é pequeno e contempla apenas algumas faculdades de Psicologia de uma capital brasileira, e não é adequada para representar uma realidade maior que esta. No entanto, a pesquisa traz dados significativos de que os docentes estão procurando qualificar-se, principalmente no campo específico da avaliação psicológica. Isto se comprova, uma vez que um número significativo dos docentes participantes da pesquisa, que leciona a menos de 10 anos, tem formação relacionada à avaliação psicológica, além de um terço dos participantes da pesquisa possuir ou estar cursando o doutorado, sendo em sua maioria na avaliação psicológica.

Um dos pontos centrais da pesquisa refere-se à percepção dos docentes quanto a preparação do recém-formado em Psicologia para atuar de forma adequada no mercado de trabalho com a avaliação psicológica. A pesquisa elucidou que este preparo vai depender muito do envolvimento do aluno em seu processo de formação. Segundo os docentes, a universidade forma os profissionais em uma perspectiva básica o que não dá subsídios a esse aluno para uma atuação

profissional adequada logo que o mesmo sai da faculdade. Os docentes afirmam que se este recém-formado não procurar formações complementares, como cursos, eventos e formação continuada, como especialização, ele dificilmente conseguirá fazer um trabalho bem feito. Os docentes apontam ainda a necessidade deste recém-formado de adotar uma postura ética, necessária para atuar em Psicologia, e especialmente com a avaliação psicológica. Segundo os participantes, seguir os preceitos éticos da profissão fará com que o psicólogo execute seu trabalho de forma adequada.

Vê-se que os dados coletados são de grande importância para se compreender como se encontra atualmente o ensino da avaliação psicológica nas faculdades de Psicologia, temática recentemente tão discutida. É relevante ressaltar que inúmeras mudanças ocorreram no decorrer da última década, e que a avaliação psicológica vem se desenvolvendo e novos estudos estão surgindo. Entretanto, há muito mais a se fazer, a começar pelo ensino e formação dos novos profissionais que trabalharão pela avaliação psicológica e produzirão os avanços futuros tão esperados. É certo que os investimentos devem predominantemente se direcionar as universidades no intuito de estimular os graduandos e desmistificar antigas ideias que ainda acompanham a avaliação psicológica, fato tão apontado pelos participantes desta pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCHIERI, J. C; BANDEIRA, D. R. (2005). Ensino da Avaliação Psicológica no Brasil. In: PRIMI, R. *Temas em avaliação psicológica*. (Cap. 4. p. 77-85). São Paulo: Casa do Psicólogo.

ALCHIERI, J. C; CRUZ, R. M. (2004). *Avaliação psicológica: conceito, métodos e instrumentos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 127 p.

ALVES, I. C. B. (2009). Reflexões Sobre o Ensino da Avaliação Psicológica na Formação do Psicólogo. In: HUTZ, C. S. *Avanços e polêmicas em avaliação psicológica*. (Cap. 9. p. 217-237). São Paulo: Casa do Psicólogo.

BARDIN, L. (2000). *Análise de Conteúdo*. Lisboa 3.ed: Edições 70.

BASTOS, A. V. B; GONDIM, S. M. G. (2010). *O trabalho do psicólogo no Brasil*. Porto Alegre: Artmed.

BRASIL. Resolução nº 5, de 15 de março de 2011. *Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação em Psicologia*. Ministério da Educação; Conselho Nacional de Educação; Câmara de Educação Superior. Recuperado em: 01 de abril de 2011, de <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12991>.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, Resolução CFP N.º 013/2007. Brasília (DF), 14 de setembro de 2007. *Consolidação das Resoluções do Título Profissional de Especialista em Psicologia*. Recuperado em: 25 novembro 2011, de <http://www.pol.org.br/pol/export/sites/default/pol/legislacao/legislacaoDocumentos/resolucao2007_13.pdf>.

HUTZ, Cláudio. S.; BANDEIRA, D. R.; (2003). Avaliação Psicológica no Brasil: situação atual e desafios para o futuro. In. YAMAMOTO, O. H.; GOUVEIA, V. V. (Orgs.). *Construindo*

a *Psicologia Brasileira: desafios da ciência e prática psicológica*. (Cap. 10. p. 271-277). São Paulo: Casa do Psicólogo.

MARCONI, M. de A; LAKATOS, E. M. (2010). *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas.

NORONHA, A. P. P. et al . (2002). Em defesa da avaliação psicológica. *Avaliação Psicológica*. (v. 1, n. 2, p. 173-174). Recuperado em 25 nov. 2011, de <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712002000200010&lng=pt&nrm=iso>.

NORONHA, A. P. P. et al . (2010). Sobre o Ensino de Avaliação Psicológica. *Avaliação Psicológica*, (v. 9, n. 1, p. 139-146). Recuperado em 15 set. 2011, de <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712010000100015&lng=pt&nrm=iso>.

NORONHA, A. P. P. (2003). Docentes de psicologia: formação profissional. *Estudos de Psicologia* (v. 8, n. 1, . p. 169-173. Recuperado em 25 nov. 2011, de <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2003000100019&lng=pt&nrm=iso>.

NORONHA, A. P. P. (2009). Testes Psicológicos: conceito, uso e formação. HUTZ, C. S. *Avanços e polêmicas em avaliação psicológica*. (Cap. 3. p. 71-91). São Paulo: Casa do Psicólogo.

NORONHA, A. P. P; REPPOLD, C. T. (2010). Considerações sobre a avaliação Psicológica no Brasil. *Psicologia Ciência e Profissão* (v. 30, n. spe, p. 192-201). Recuperado em 25 nov. 2011, de <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932010000500009&lng=pt&nrm=iso>.

PASQUALI, L; (2010). Histórico dos Instrumentos Psicológicos. In. PASQUALI, L (Org.) *Instrumentação psicológica: fundamentos e práticas*. (Cap. 1, p. 11-47). Porto Alegre: Artmed.

PAULA, A. V. de; PEREIRA, A. S. ; NASCIMENTO, E. do. (2007). Opinião de alunos de psicologia sobre o ensino em avaliação psicológica. *PsicoUSF*. (v.12, n.1, p. 33-43). Recuperado em 28 Mar. 2011, de <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-82712007000100005&script=sci_arttext&lng=en>.

PRIMI, R. (2010). Avaliação psicológica no Brasil: fundamentos, situação atual e direções para o futuro. *Psicologia: Teoria e Pesquisa* (v. 26, n. especial, p. 25-35). Recuperado em 11 fev. 2011, de <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722010000500003&lng=pt&nrm=iso>.

PRIMI, R. (2003). Inteligência: avanços nos modelos teóricos e nos instrumentos de medida. *Avaliação Psicológica*, (v. 2, n. 1, p. 67-77). Recuperado em 25 maio de 2011, de <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712003000100008&lng=pt&nrm=iso>.

VIANA, N. O. (2012). *Um Diálogo Sobre o Ensino e a Aprendizagem em Avaliação Psicológica: a formação em foco*. Monografia (Conclusão do curso). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Faculdade de Psicologia, Belo Horizonte. Brasil.